

Data: 01.09.2020

Título: "NÓS SOMOS HOSPEDES DO TEMPO"

Pub:  Tempo Livre

 QuickCom
comunicação integrada

Tipo: Jornal Especializado Bimestral

Secção: Nacional

Pág: 12;13

ENTREVISTA VIRIATO SOROMENHO-MARQUES, FILÓSOFO "NÓS SOMOS HOSPEDES DO TEMPO"

O professor catedrático de Filosofia na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa defende que a melhor forma de vivermos no tempo é tendo a noção clara de que somos seres limitados. E que temos de aprender a lidar com a falta de controle sobre a nossa vida

Área: 1741cm² / 84%

JOSE ALEX GANDUM

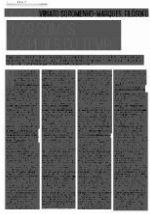


FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6939685

Viriato Soromenho-Marques sublinha que o desenvolvimento sustentável passa por uma "estratégia de uma simplicidade brutal": temos de mudar de vida



Não somos donos do tempo, do mundo nem do futuro. Viriato Soromenho-Marques enfatiza que foi a arrogância pelo controle de tudo que afastou a humanidade da Terra. O foco assentou mais na técnica e menos no cuidado com a casa comum. O alerta é cristalino: “Se hoje não formos capazes de reparar o nosso planeta, que amanhã podemos deixar às gerações seguintes? Como queremos que os historiadores do futuro contem a nossa História? Daqui a cem anos, os livros vão celebrar-nos como a geração que foi capaz de compreender que mais importante do que as rivalidades mesquinhas entre indivíduos e povos é salvar a Terra?” O docente, investigador e conferencista em áreas da filosofia política e ambiental lança algumas perguntas, para que se reescreva uma história feliz sobre o planeta que habitamos. Deixa a chamada de atenção: “Sem resolvermos as crises do ambiente, não resolvemos as pandemias. Esta vai-se embora, mas depois vem outra.”

Heracito, filósofo grego, disse que “a única constante é a mudança”. Ouve-se, tantas vezes, sobretudo nos últimos tempos, que há uma “nova normalidade” Do que se fala quando é referida a dita “nova normalidade”?

O próprio conceito de “normalidade” implica uma certa falta de reflexão. Vivemos num mundo baseado na combinação entre duas coisas. O conceito de “normalidade” reside, por um lado, na combinação dos aspetos estruturais, que têm a ver com as faculdades cognitivas da espécie humana que foram sendo amadurecidas ao longo da História natural da humanidade e que não param. Se há alguma coisa que me parece evidente é que a humanidade é uma espécie em desenvolvimento. Muito longe ainda de estarmos amadurecidos – e isso é também uma das razões que leva a tantos problemas da nossa história comum. Nós ainda estamos na fase de matéria-prima. Daí os comportamentos irracionais e contraproducentes que abundam na existência humana. Mas, para lá destes aspetos estruturais de conhecimento, de inserção no mundo natural, no mundo

físico que partilhamos com as outras espécies, também temos, por outro lado, algo que é especificamente humano: os padrões culturais, os consensos culturais. Nessa “normalidade” está o conjunto de padrões, valores, crenças, que derivam da nossa cultura enquanto comunidade. Chamamos a isto uma bolha cultural. A combinação destes dois aspetos – estruturais, ligados com o *software* do aparelho cognitivo, de um lado, e o *software* cultural dos valores e das crenças, do outro – dá-nos um padrão de “normalidade”.

O que significa, então, a “normalidade”?

A “normalidade” significa que temos expectativas muito seguras sobre o que vai acontecer no dia de amanhã. Levantamos todos os dias, porque acreditamos que as coisas que planeámos vão acontecer. O problema é que é demasiado humano – não está impregnado de uma atitude reflexiva e profunda. Se atentarmos até à nossa experiência enquanto seres humanos, regra geral, grande parte das expectativas associadas à “normalidade” são alteradas ligeira ou profundamente.

Porquê?

Se vivéssemos totalmente em consonância com a realidade caótica da existência, não poderíamos sobreviver. Não estamos permanentemente preparados para o trágico, ou seja, para a possibilidade de acontecerem coisas terríveis – como acontecem. Temos de amaciar essa aspereza trágica da realidade, construindo a tal “normalidade”. Porque é que a covid-19 causou tanto impacto e levou as pessoas a falarem de uma “nova normalidade”? É, justamente, porque a consciência da “normalidade” é uma ficção útil – mas é uma ficção. Quando temos a experiência de alguém nosso amigo ou familiar que está na força da vida e, de repente, por um incidente estúpido, por uma fração de segundo, desaparece da vida, apercebemo-nos perfeitamente de que essa “normalidade” é uma ficção, é uma construção que fazemos para tornar a nossa vida mais suportável e menos angustiada. No fundo é dar um padrão de certeza que, de facto, a vida não tem.

Perante tudo isto, que filosofia da história

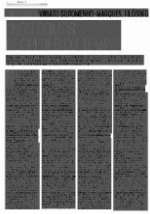
“ESTA É A ÚNICA CIVILIZAÇÃO PLANETÁRIA, ONDE TUDO ESTÁ INTERDEPENDENTE. TODOS DEPENDEMOS UNS DOS OUTROS (...) TEMOS DE MERECEER ESTE PLANETA, SALVANDO-O PARA O FUTURO”

Área: 1741cm²/84%

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6939685



Data: 01.09.2020

Titulo: "NÓS SOMOS HOSPEDES DO TEMPO"

Pub: **Tempo Livre**

Tipo: Jornal Especializado Bimestral



Secção: Nacional

Pág: 12;13

e da cultura podemos fazer deste tempo?

Todos nós, em todos os continentes, estamos unidos por interrogações semelhantes. Estamos unidos porque a covid-19 é um acontecimento planetário. É muito raro termos, como espécie humana, uma experiência simultânea de que, afinal de contas, os compromissos que tínhamos planeado podem não acontecer. Diria mesmo que, provavelmente, é a primeira vez que isto acontece. No passado tivemos pandemias – a última grande foi a gripe espanhola, em 1918-19, extremamente mortífera, mas não tínhamos naquela altura uma rede de informação. Hoje, estamos todos ligados. As tragédias aconteciam localmente ou com um grande atraso. O império romano, por exemplo, que foi a grande civilização do Ocidente até hoje, caiu com os seus 50 milhões de habitantes – um quinto da humanidade na altura – e ninguém deu por nada na China. Ora, isto hoje não acontece. Esta pandemia colocou as pessoas de todos os países em confinamento, com uma sensação de fragilidade. Tivemos, ao mesmo tempo, uma experiência intensa deste carácter ficcional. Atenção, é uma ficção útil! Precisamos de uma percentagem razoável de ficção – é um instrumento de sobrevivência e de qualidade de vida fundamental. Um autor alemão contemporâneo de Freud, Ernst Bloch, estudou as questões da utopia e da esperança. Ele chamava a atenção que uma das características fundamentais do ser humano é a de sonhar acordado – é o que nos faz persistir nas andanças da nossa existência. O que dá energia quando as coisas correm pior é esta capacidade que temos de nos deslocarmos no tempo e no espaço através da efabulação.

Com esta crise pandémica parece que os sonhos estão suspensos.

Excelente observação. Estão suspensos porque ainda não temos verdadeiramente uma explicação para o que nos aconteceu. Não integrámos ainda nas nossas vidas individuais e coletivas o significado profundo e duradouro. Para o significado ser verdadeiramente correto e profundo, teria de ser capaz – espero que seja – de mudar a nossa conceção da História, desta narrativa temporal em que estamos

envolvidos. Este estado suspenso é uma espécie de tragédia sem conceito, da qual não podemos fazer a catarse. Aristóteles, na *Poética*, tem uma teoria fantástica sobre a tragédia clássica: é uma história que tem um imenso valor moral e psicológico na purificação, de *katharsis*. Isso só acontece a partir do momento em que nós, público, somos capazes de perceber o significado da história. A tragédia grega tem várias características: tem de ser uma narrativa que envolve grandes figuras – guerreiros, reis, rainhas, princesas –, geralmente, essas pessoas caminham para um desfecho dramático, o que coincide com a morte ou sobrevivência a crimes medonhos. Desafiaram um destino que é maior do que todos os seres humanos – inconscientemente, muitas vezes. A tragédia grega tem uma instituição chamada coro, um grupo de vozes que está constantemente a tentar avisar os heróis do buraco onde se vão meter – só que os heróis são surdos. Mas nós não somos – o público não é. Quando a tragédia terminava, as pessoas saíam dos teatros gregos purificadas e reconciliadas com a vida.

Saiam de lá reconciliadas, porque levavam dali alguma coisa para as suas vidas.

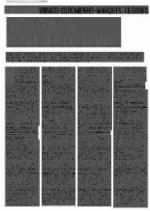
A leitura que levavam para o seu dia a dia era a de que os seres humanos não são donos do mundo, não são donos do tempo, não são donos do futuro. Nós somos hóspedes do tempo. A melhor forma de vivermos no tempo é percebermos as nossas limitações, porque nem os reis conseguem desafiar o destino. O destino é-nos desconhecido. Temos de aprender a viver aceitando a nossa falta de controle sobre a nossa própria vida – não é renunciando a algum controle –, mas percebendo que não controlamos tudo. É aceitando a nossa mortalidade e o facto de que a vida termina sempre. O melhor sentido da vida que podemos retirar daqui é viver com autenticidade, intensidade e verdade o tempo que nos é dado viver. Os gregos tinham esta visão, viviam com o sentido trágico da existência. Aceitavam a tragédia. Nós criámos uma sociedade totalmente antitrágica. A nossa idade

Área: 1741cm² / 84%

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6939685



Data: 01.09.2020

Titulo: "NÓS SOMOS HOSPEDES DO TEMPO"

Pub: **Tempo Livre**

Tipo: Jornal Especializado Bimestral



Secção: Nacional

Pág: 12;13

mental do ponto de vista da relação com a morte deve estar nos quatro anos de idade. Tudo o que está montado à nossa volta existe para diluir, apagar a mortalidade.

O que podemos aprender com esta pandemia? Que sabedoria nos pode trazer esta crise mundial?

Penso que o que deveríamos aprender é a humildade. Um autor italiano, florentino, o Pico della Mirandola, em 1486, escreveu *Discurso sobre a Dignidade do Homem*, um verdadeiro manifesto da modernidade. Na verdade, é um monólogo de Deus com Adão. Deus explica ao primeiro homem como é que o criou. Diz-lhe: Adão, eu não te criei como as outras criaturas. Aos outros animais dei-lhes um *software* fechado, que não tem possibilidade de mudança. A ti criei-te em metade. Tu já tens metade, agora tens de criar a outra metade. É a tua liberdade que vai ditar aquilo que vais ser – estás no meio da criação. Segundo Pico della Mirandola, isto significa que poderás ascender às criaturas que designamos como anjos – criaturas espirituais superiores – ou podes degradar-te abaixo das bestas. A nossa

condição humana é exatamente isso: podemos ser capazes das sinfonias de Beethoven e ser capazes de viver na pior das abjeções morais, como Stalin, Mao Tsé-Tung ou Hitler.

Temos a outra metade de liberdade para criar uma nova narrativa, uma nova forma de estar. O que podemos criar?

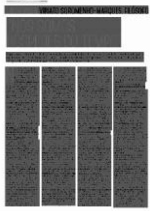
Almada Negreiros dizia que todas as palavras para salvar a humanidade já foram ditas – falta salvá-la. Estamos num desses pontos da História. A primeira coisa que poderíamos aprender individual e coletivamente é a consciência dos limites da nossa capacidade de controlarmos o mundo. Hoje, temos uma sociedade totalmente concentrada na técnica. Há muito, muito tempo que não há na Filosofia uma revolução no pensamento da ética. O pensamento ético continua a ser essencialmente o dos clássicos. Porque a nossa civilização já não acredita na ética – acredita na técnica. Como não queremos mudar o nosso comportamento, queremos mudar a forma como controlamos a realidade. E como

é que fazemos isso? Com a tecnologia.

E o mercado é a máquina de fazer tecnologia. Inventámos o mercado com as características modernas. O preço que aceitámos pagar foi a nossa desvinculação do resto do mundo. Descartes usava aquela separação de que nós somos *coisa pensante (res cogitans)*, o mundo é *coisa extensa (res extensa)*. A coisa extensa são os animais, as plantas, os oceanos, a água, o ar. Associámo-nos ao mundo como se ele nos pertencesse, como instrumento, como reservatório de matérias-primas, como armazém para satisfazer as nossas necessidades. Cortámos aquilo que em todas as culturas mundiais até ao século XVI era óbvio: a nossa umbilical pertença a esse mundo. No pensamento europeu cristão, isso aparece maravilhosamente expresso no *Cântico das Criaturas*, de São Francisco de Assis, um ecologista *avant la lettre*. Ele também viveu numa época de grande destruição ambiental na Europa. No *Cântico das Criaturas*, a mensagem de Francisco de Assis é a seguinte: por muito que nos orgulhemos de nós próprios, seres humanos, não nos esqueçamos nunca que fomos criados, somos criaturas. No mundo só há duas entidades: o Criador e as criaturas. A encíclica *Laudato Si'* do Papa Francisco é um enorme apelo que vai na linha de Francisco de Assis, seu homónimo: não se esqueçam que são criaturas. Toda a nossa civilização está assente na base que é tudo nosso, somos donos do mundo, donos disto tudo, podemos fazer o que quisermos. A covid-19 é uma surpresa brutal, mas não vai ser a única. Se continuarmos por aqui vamos ter outras pandemias e outros focos terríveis. Este seria um momento fundamental para pensarmos profundamente numa revisão da nossa cosmovisão e da nossa "normalidade". Temos de reconstruir uma ficção útil que seja mais verdadeira e menos imaginária do que aquela que durante estes 400 anos foi galgando o caminho da Europa para o resto do mundo.

Do seu posto de observação, porque é que aconteceu a covid-19?

A origem tem a ver com a extinção maciça da biodiversidade. A crise ambiental



Data: 01.09.2020

Titulo: "NÓS SOMOS HOSPEDES DO TEMPO"

Pub:  Tempo Livre

 QuickCom
comunicação integrada

Tipo: Jornal Especializado Bimestral

Secção: Nacional

Pág: 12;13

tem vários problemas, um deles é o da extinção das espécies. Neste momento, estamos com uma taxa de extinção de espécies semelhante a outros períodos na História antes de o Homem existir – ou por fenómenos de colisão de asteroides com a Terra, ou por outros fenómenos extremos. Agora, devido à nossa ação, todos os dias desaparecem dezenas, centenas de espécies – muitas nem estão catalogadas. Um coronavírus é um vírus zoonótico, ou seja, obtém-se através de uma zoonose (transmissão do vírus de um animal para o ser humano). Este vírus não só se transmite do animal para o homem, como também se transmite de homem para homem. Como é um vírus “bonzinho” tornou-se uma pandemia (porque não mata rapidamente o hospedeiro). Nos últimos 20, 30 anos, 75% das novas doenças são zoonoses. Isto não acontecia no passado. Está a acontecer porque estamos a ocupar o território que pertencia a outras espécies. Estamos a destruir florestas em África, no Brasil, na Indonésia, no Sri Lanka. Estamos a aproximar os animais selvagens dos seres humanos ou fazemos produções extremamente intensivas em que não se respeitam as regras básicas de higiene. Por exemplo, a produção industrial de carnes, como acontece com os porcos e as galinhas. Isto está a fazer explodir o número de situações de zoonoses que podem ser coronavírus ou outros. Provavelmente, vamos ter num futuro não muito longínquo o aparecimento de doenças completamente desconhecidas.

Com tamanhos desafios, qual a estratégia para darmos mais atenção ao

desenvolvimento sustentável?

A estratégia é de uma simplicidade brutal. Não custa muito dizer, custa aceitar. O diagnóstico é o seguinte: temos de mudar

de vida. Não temos de mudar apenas o modo como fazemos as coisas – temos de mudar as coisas que fazemos. Os transportes devem ser fundamentalmente públicos. Temos de rever a política de transportes aéreos, têm de ser reduzidos ao mínimo necessário. Também a nossa dieta deve ser cada vez mais vegetariana.

Fernando Pessoa disse que “cada época lega a outra aquilo que ela não foi”.

O que podemos deixar às próximas gerações?

Aquilo que podemos deixar é a integridade da Terra. Esta é a única civilização planetária, onde tudo está interdependente. Todos dependemos uns dos outros. Quando isto começou, percebemos que estamos aos pulos em cima de uma superfície de cristal. O que podemos deixar às gerações seguintes é um mundo onde possam sonhar o futuro, como as gerações do passado nos deixaram um mundo onde fomos capazes de sonhar o nosso futuro. Neste momento, o principal problema é salvar o palco da História: o planeta. Este é único – não conhecemos outro, nem no sistema solar nem na galáxia. Tivemos uma sorte da qual não estamos a ser dignos. Temos de merecer este planeta, salvando-o para o futuro. A nossa herança é deixar a possibilidade de futuro para as gerações seguintes. Um dos grandes males que nos aconteceu foi a arrogância do controle, a arrogância do saber, a arrogância de que nós resolvemos tudo. Não podemos substituir a arrogância de um otimismo idiota pela arrogância de um pessimismo sem esperança. Temos de ter um otimismo crítico, um otimismo ativo, um otimismo transformador, um otimismo voluntarista. Temos de acreditar no futuro através de atos que acompanhem e realizem as palavras. **SÍLVIA JÚLIO**

Área: 1741cm²/84%

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6939685